

## Dossiê Modernidade/Pós-modernidade

No momento de escrever a apresentação do nosso *Dossiê Modernidade/Pós-modernidade*, nos encontramos a poucos dias da triste notícia do falecimento do sociólogo e pensador francês Jean Baudrillard. Não é em absoluto desconhecido para ninguém, que os seus inimigos mais íntimos foram os preconceitos e imposturas ideológicas de muitos, além de uma forte dose de incompreensão, talvez desde o momento em que escreve *Por uma Crítica da Economia Política do Signo*, momento em que parece romper os laços com a tradição marxista e se afasta da Escola de Frankfurt. Isso pode explicar, para ávidos leitores, a razão pela qual foi um pensador solitário, uma espécie de outsider dos círculos intelectuais ditos progressistas. Aqueles que caíram na sedução da sua escrita e lucidez de análise o destacam como um verdadeiro leitor do movimento do mundo, um pensador que lhe devolveia ao mundo o seu estado de ilusão e desejo, de signo puro, a sua forma de inocência dual e cruel e, fundamentalmente, ao seu momento anterior a toda busca de transformação. Jean Baudrillard parecia surpreender às coisas no seu limiar, antes que virassem acontecimentos, antes que se transformassem em sentido, captando-as na sua nudez imediata. Sociedade de consumo, hiper-realidade, terrorismo, simulacro, vazio, sedução, ódio, podem considerar-se palavras-chave da sua obra mais recente, obra que junto as primeiras e promissoras análises sobre as mudanças culturais da sociedade moderna nos deixa como legado uma inestimável fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Por utilizar um neologismo que parecesse tirado do seu roteiro, podemos dizer que agora todos estamos *pós-Baudrillard*, transitando em cenários que nos remetem a tal brilhante pensador. Com este *Dossiê*, a revista *Ciências Sociais Unisinos*, por obra da curiosidade dos acontecimentos, deseja homenagear Jean Baudrillard, em tempo que o debate *Modernidade/Pós-modernidade* apresenta inaudíveis heranças do seu pensamento. Mas, pretendendo incorporar e ampliar alguns dos eixos filosóficos, epistemológicos e sociológicos por ele abordados, a revista *Ciências Sociais Unisinos*, no seu próximo número, trará para os seus leitores contribuições desde os mais variados enfoques acerca da sua obra e pensamento. Fica, desta maneira, o compromisso de continuar mantendo em nossos horizontes editoriais a memória de Jean Baudrillard, o presente *pós-Baudrillard*.

Iniciando um novo ano editorial, a revista *Ciências Sociais Unisinos* optou por entregar aos nossos leitores, em forma de *Dossiê*, uma nova contribuição acerca de um debate interdisciplinar conhecido nos âmbitos da academia e nos variados círculos intelectuais desde alguns anos atrás. O de-

bate *modernidade/pós-modernidade* iniciou seus primeiros respiros na Europa e nos Estados Unidos nos anos 1970, por momentos como uma herança do pós-estruturalismo francês e, de certa maneira, com uma inquietação que pareceu análoga aos denominados estudos culturais britânicos. O seu caráter escorregadio desenha um espaço de conhecimento multifacetado, de difícil definição, de dinamismo e mutabilidade constantes. Assim fica demonstrado quando de diferentes abordagens teóricas e analíticas entra em cena o termo pós-modernidade para descrever uma mudança sócio-histórica e cultural de grande significado para o nosso presente. Mas, é mister considerar, que tanto o debate mencionado como o mesmo termo pós-modernidade se prestaram para uma confusão de nomenclaturas, vocações ideológicas adormecidas e más intenções que desembocaram em definições superficiais, leviandade interpretativa e jogos políticos maniqueístas. Na América Latina, o terreno foi propício para tais confusões, e a fins dos anos 1980, o debate ingressava no seu momento de maior amadurecimento, na maioria das vezes acompanhado de discussões que o situava como próprio da realidade sócio-cultural pós-democratização política em vários países da região. Imediatamente, a sua associação com o diagnóstico da indiferença política de muitos jovens e com as denominadas políticas neoliberais o condenou ao silêncio e a definições em absoluto compatíveis com seus contornos hermenêuticos. Na segunda metade dos anos 1990, com o advento das discussões em torno da denominada globalização, o debate *modernidade/pós-modernidade* caiu num aparente abandono, reduzindo o espaço epistemológico que por ele foi representado a estudos e discussões teóricas muito pontuais e a nichos intelectuais de pouca visibilidade. O objetivo desta edição da revista *Ciências Sociais Unisinos* é, justamente, recolocar aquelas discussões e temas que aquele debate trouxe à luz de novas preocupações e características sócio-históricas do nosso presente. Assim mesmo, o objetivo é capturar o que esta se pensando a partir dessa discussão, e que novas questões estão em jogo quando se procura definir uma suposta condição sócio-cultural pós-moderna. Se o espaço da política, os sujeitos, as sociabilidades e as expressões culturais parecem ensinar que a realidade que vivenciamos não é tal como acreditávamos algum tempo atrás, o debate *modernidade/pós-modernidade* pode ser um caminho, entre tantos outros, onde podemos achar aquelas chaves que nos conduzam a uma melhor compreensão da nossa atualidade.

As primeiras páginas são a cargo do trabalho de H.C.F Mansilla, que traz à tona a importância dos elementos esquecidos pelo projeto histórico da modernidade, como ser: o tradicional, a religião como fundadora de sentido e as concepções da arte como uma estética fundamentada no belo. Partindo de um esquema explicativo bastante crítico ao conceito pós-modernidade, o autor reflete acerca dos impasses da modernização e a sua geração de elementos nocivos para as nossas sociedades, alertando na possibilidade de uma espécie de reconciliação com um projeto civilizador que lhe é imprescindível encontrar-se com aqueles elementos que pretendeu submeter e eliminar, como ser a tradição e a religião. O próximo trabalho, de Ronaldo Lima Lins, refere-se à situação atual que parece atravessar o pensamento crítico, a possibilidade da crítica como espaço em si mesmo e a crise dos chamados "experimentalismos", trazendo como conseqüências o abandono de utopias na construção dos cenários da pós-modernidade. Brenda Porto de Matos traz, a partir de uma perspectiva histórica, um resgate de algumas das reflexões próprias do que se tem caracterizado como modernidade e pós-modernidade. O viés filosófico é destacável, numa tentativa por oferecer uma condensada discussão de autores e temáticas que lhe são próprios ao debate *modernidade/pós-modernidade*. Logo, o artigo de Luís Antonio Groppo discute, não sem levar em conta uma perspectiva histórica, as noções de modernidade e modernização, considerando os seus significados nas Revoluções Burguesas e na atual globalização. Entendendo, como telão de fundo, que a pós-modernidade não representa uma ruptura paradigmática do processo histórico da modernidade, o autor contribui na análise de conceitos como emancipação, iminência e transculturação para uma concepção mais complexa da nossa condição vital na modernidade. O artigo de Marco Aurélio Nogueira situa o debate *modernidade/pós-modernidade* numa inflexão interessante entre o teórico e o diagnóstico empírico. O trabalho prefere uma nomenclatura ancorada nos debates acerca de uma modernidade que ainda não pareceu cumprir com as suas promessas históricas, o que permite caracterizar a situação histórico-social atual dentro de um "processo de radicalização do moderno"; no caso das nossas sociedades "periféricas", como próprias de uma "modernidade radicalizada periférica". João Carlos Tedesco escolheu uma temática que não está de forma explícita no debate *modernidade/pós-modernidade*, mas que se introduz na medida em que analisa os aspectos da teoria crítica de Simmel na análise do universo das sociabilidades do mundo moderno e as suas conseqüências no indivíduo e na cultura. O artigo de Carlos A. Gadea procura percorrer a aventura teórica e analítica que se apresenta na base da denominada crítica pós-moderna. O au-

tor argumenta que o espaço do pós-moderno pode ser definido como uma espécie de reutilização dos enfoques teóricos da interação social, transitando desde o pragmatismo filosófico e o eclecticismo, até a etnometodologia e os denominados estudos culturais. Para isso, o artigo apresenta uma introdução sobre aquilo que concerne a epísteme pós-moderna e uma relação dos pontos em comum que mantém com essa tradição teórica e analítica da teoria social. Na abordagem dos elementos culturais que podem admitir-se como pós-modernos, Maria Helena Braga e Vaz da Costa trás uma abordagem acerca das diferentes perspectivas teóricas sobre o pós-moderno no âmbito da produção cinematográfica atual, interessando-se pela sua representação do espaço urbano e da temática da violência e a identidade cultural. Consecutivamente, Lauro Zavala nos oferece um esquema teórico para a análise da narrativa contemporânea, contrapondo e descrevendo aquilo que pode ser considerado como narrativa clássica, narrativa moderna e ficção pós-moderna, esta última definida como a justaposição das narrativas clássica e moderna. Fechamos os artigos deste dossiê com o clássico sociólogo e pensador francês vinculado com o tema da pós-modernidade, Michel Maffesoli. No seu artigo, condensa alguns eixos temáticos da sua obra, como ser o tema da "tribalização" e da caracterização das "socialidades" pós-modernas. Ao propor que a dimensão comunitária é o eixo desta nova configuração societária, o autor também sugere que o conceito indivíduo e a lógica da identidade devem ser substituídos por noções que apelem mais ao caráter dinâmico da realidade social. Na seção *Entrevistas*, Samira Feldman Marzochi contribui com uma entrevista ao professor Renato Ortiz, e na seção *Opinião*, o artista performático *chicano* Guillermo Gómez Peña traz uma apresentação da sua proposta artístico-cultural chamada *La Pocha Nostra*, projeto cultural onde se apresentam como chaves metáforas sobre identidade, hibridação e pós-modernidade. Por último, a contribuição de Rafael Bayce é uma observação incisiva sobre a condição vital num mundo onde parecemos acolher a generalização perversa das sementes da modernidade: novos excluídos, violência e a pós-miséria.

Com esta edição, iniciamos o ano estreando uma nova proposta de produção de imagem e design de apresentação. Agradecemos a Fernando Bakos pela concepção e idéia da dita proposta. Na edição deste número, gostaríamos fundamentalmente de agradecer a cada um dos autores, por sua gentil colaboração e por ter aceitado compartilhar a aventura deste *dossiê*.

Muito obrigado a todos e uma boa leitura!

Carlos A. Gadea  
Editor